

O ESTADO DE S. PAULO

Terça-feira 18 DE SETEMBRO DE 2018 R\$ 5,00

ANO 139 Nº 45626 EDIÇÃO DE 0H30

estadão.com.br

Esportes

Liga dos Campeões

Principal torneio da Europa começa com atrações, entre elas CR7 na Juventus. **PÁG. A17**

FOTOS: G. FUENTES/REUTERS, M. MEDINA/AFP E A. GEA/REUTERS



Neymar, craque do Paris Saint-Germain

Cristiano Ronaldo, novidade da Juventus



FUNDADO EM 1875

JULIO MESQUITA (1862 - 1927)



Bale, do Real Madrid, é esperança de gols do time espanhol

Trump taxa US\$ 200 bilhões da China e faz novas ameaças

Tarifa de 10% começa a valer 2ª-feira; com medida, quase metade do que americanos comprem de chineses é taxada

O presidente dos EUA, Donald Trump, cumpriu ameaça e anunciou a imposição de tarifas de 10% sobre US\$ 200 bilhões em importações chinesas a partir de segunda-feira. As tarifas aumentarão para 25% no início de 2019. Essa nova rodada se soma aos US\$ 50

bilhões que já haviam sido taxados no início do ano. Com isso, os EUA vão cobrar tarifas de quase metade de tudo o que compram da China. Em comunicado, Trump fez uma ameaça: “Se a China tomar medidas de retaliação contra nossos agricultores ou outras

indústrias, imediatamente buscaremos a fase três, que são tarifas adicionais”. Trump justifica a medida com o argumento de que a China está envolvida em inúmeras práticas injustas relacionadas à tecnologia e à propriedade intelectual dos EUA. **ECONOMIA / PÁG. B1**

US\$ 267 bilhões

de importações. É quanto Donald Trump ameaça taxar em uma “terceira fase” se a China reagir às novas tarifas anunciadas ontem

Estagnado, Alckmin tenta reverter votos ‘bolsodoria’

Geraldo Alckmin (PSDB), estagnado nas pesquisas, tenta evitar debandada de aliados e quer reforçar sua visibilidade. Sem contar com o engajamento do Centrão, Alckmin deverá investir em SP para barrar o voto casado em Jair Bolsonaro (PSL) para presidente e João Doria (PSDB) para governador, o chamado voto ‘bolsodoria’. **POLÍTICA / PÁG. A4**

A beleza segundo Rafael

Mulher fotografa exposição em homenagem a Rafael, que será aberta ao público amanhã no Centro Cultural da Fiesp, em São Paulo. A mostra traz três representações de Madonas feitas pelo mestre renascentista e nunca vistas no País. Há também obras produzidas por seguidores do pintor. **CADERNO2 / PÁG. C1**



TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO

Liminar veta indulto a condenados por corrupção

Decisão liminar de março do ministro Luís Roberto Barroso, do STF, veda a concessão de indulto a condenados por corrupção, como o ex-presidente Lula, preso pela Lava Jato. Questionado se daria o benefício ao petista se eleito, Fernando Haddad (PT) evitou responder, mas disse que Lula será “um grande conselheiro” em seu governo. **POLÍTICA / PÁG. A6**

Mourão liga família pobre a narcotráfico

Para o vice de Jair Bolsonaro (PSL), general Hamilton Mourão (PRTB), famílias pobres “onde não há pai e avô, mas sim mãe e avó” são “fábricas de desajustados” que fornecem mão de obra ao narcotráfico. **PÁG. A9**

Fnac fecha loja da Paulista, penúltima da marca no País

Com o fechamento, no fim de semana, da megaloja da Fnac na Avenida Paulista, a Livraria Cultura, detentora da operação da rede aqui, está a um passo de encerrar as atividades da marca no País. Restará apenas uma loja, em Goiânia, que deve ser fechada em breve. A Cultura deve apenas usar a plataforma de venda de eletrônicos da Fnac. **ECONOMIA / PÁG. B8**

.edu

Novidade na aula. Escolas se adaptam a nova base curricular. Veja como escolher colégio. **PÁGS. 1 a 32**

Viagem

Natureza de Minas. Santuário do Caraça é ponto de partida para curtir cachoeiras e mirantes. **PÁG. D1**

União banca R\$ 2,8 bi de dívidas dos Estados

ECONOMIA / PÁG. B4

Eliane Cantanhêde

O primeiro turno vai chegando. A ansiedade bate à porta de alguns candidatos e o desespero, à porta dos demais. O risco é o vale-tudo. **POLÍTICA / PÁG. A6**

Ana Carla Abrão

O desafio econômico não é pequeno e exigirá liderança, união e legitimidade. Mas o cenário político continua descolado da realidade. **ECONOMIA / PÁG. B5**

Juiz diz que Cristina Kirchner chefia quadrilha e pede prisão

A ex-presidente argentina Cristina Kirchner foi processada e teve pedido de prisão preventiva decretado em um grande caso de propinas em obras públicas. Segundo o juiz do processo,

a senadora é “considerada chefe de associação ilícita”. O magistrado pediu a quebra do foro privilegiado e a prisão de Cristina, o que é permitido no país. **INTERNACIONAL / PÁG. A13**

Governo quer vacinação obrigatória para crianças

O Ministério da Saúde estuda tornar obrigatória a vacinação de crianças. Uma das propostas em avaliação é que a carteira de imunização vire pré-requisito para a matrícula escolar. Pelo menos 500 mil crianças deixaram de ser vacinadas na última campanha contra pólio e sarampo e 15 Estados não atingiram metas de imunização. **METRÓPOLE / PÁG. A15**

safrapay.com.br
Capital e Grande São Paulo:
(11) 3175 8248
Demais localidades:
0800 015 7675

96% DAS EMPRESAS QUE PARTICIPARAM DA CAMPANHA TAXA ZERO POR 100 DIAS FICARAM COM A

SAFRAPAY.

EXPERIMENTE VENDER NO DIA DAS CRIANÇAS COM TAXA ZERO E ESCOLHA VOCÊ TAMBÉM.*

100 dias de transações com taxa zero.¹

100 dias com isenção de aluguel das máquinas.²

Empréstimos, aplicações e produtos de conta corrente.³

Safrapay
Atendimento exclusivo e personalizado.

Safrapay
Tradição Secular de Segurança

* (1) Durante 100 dias a partir da realização da primeira transação, o estabelecimento participante terá a taxa de transação (MOR) de 0% (0) para cada um dos três primeiros períodos, até o montante acumulado de R\$ 100 mil. (2) Para o quarto e último período, até o montante acumulado de R\$ 30 mil. A promoção será limitada por 4 períodos, sendo os 3 primeiros de 30 dias corridos cada e o último de 10 dias corridos, totalizando 100 dias. As transações que excederem R\$ 100 mil em cada um dos três primeiros períodos e R\$ 30 mil no quarto e último período estarão sujeitas às taxas de MDR contratuais no momento do credenciamento. (3) Para isenção do Aluguel, será exigido um volume mínimo de transação de R\$ 1 mil em cada um dos três primeiros períodos e de R\$ 300,00 no quarto e último período. (4) Após os 100 dias, valerão integralmente as condições de MDR e aluguel conforme contratação. (5) Condições válidas apenas para NOVOS CLIENTES que realizarem a primeira transação entre 18/09/2018 e 01/10/2018. (6) A aceitação do pedido de credenciamento e/ou da abertura de conta corrente, assim como a concessão de empréstimo, estará sujeita à prévia análise e aprovação do Safrapay. (7) Consulte as regras completas da Campanha TAXA ZERO no site www.safrapay.com.br/boas-vindas. Atendimento Pessoa Jurídica: de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 19h, exceto feriados. Atendimento Safrapay: 24 horas, 7 dias por semana. SAC: 0800 772 3765. 24 horas, 7 dias por semana. Ouvidoria: 0800 770 1236, dias úteis, das 9h às 18h.



Esta publicação é impressa em papel certificado FSC® garantia de manejo florestal responsável, pela S.A. O Estado de S. Paulo

Escola em estudo

Colégios se adaptam à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada para educação infantil e fundamental. Normas do ensino médio estão em discussão, mas instituições de São Paulo já se antecipam e incluem disciplinas optativas na grade. **Págs. 4 a 20**





FOTO: ESTADÃO

ENSINO

O STF não autorizou o ensino domiciliar no Brasil. Para ministros, opção deveria ser discutida no Congresso, e não no Judiciário

estadao.com.br/e/escasa

EDUCAÇÃO

O número de matrículas para o período integral no ensino fundamental (do 1º ao 9º ano) caiu 46% no ano passado, segundo dados do Censo Escolar.

estadao.com.br/e/ensint

ONLINE



Defesa. Parte dos ministros do STF defendeu que crianças sigam na escola porque ensino em casa seria contra a Constituição

BLOG DOS COLÉGIOS

Ofélia Fonseca, Vital Brazil, Rio Branco, Horizontes Uirapuru, Alicerce, Santa Amália e Projeto Vida são algumas das instituições convidadas pelo **Estado** para escrever no Blog dos Colégios.

NA WEB

Acesse o QR code para ver a rotina das escolas



<http://estadao.com.br/tudo-sobre/blog-dos-colegios>

BLOGS

ANA MARIA DINIZ

<http://educacao.estadao.com.br/blogs/ana-maria-diniz>

DE OLHO NA EDUCAÇÃO

<http://educacao.estadao.com.br/blogs/de-olho-na-educacao>

BLOG DA TISSEN

<http://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-da-tissen>

MBA DE A A Z

<http://educacao.estadao.com.br/blogs/mba-de-a-a-z>

ROBERTO LOBO

<http://educacao.estadao.com.br/blogs/roberto-lobo>

EDUCAÇÃO

Escolas ajustam currículos à nova base

Pela BNCC aprovada, colégios devem repensar práticas e promover competências nos alunos

Guilherme Guerra
ESPECIAL PARA O ESTADO

Desde que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino infantil e fundamental foi aprovada em dezembro de 2017, Estados e municípios brasileiros promovem debates com a comunidade escolar para definir o currículo a ser aplicado. O desafio é transformar as competências e os campos de experiência do documento em projetos curriculares que estejam de acordo com a realidade das escolas de todo o País. Ao mesmo tempo, os colégios, em especial os particulares, acompanham o movimento e analisam se seus currículos estão dentro das exigências do documento.

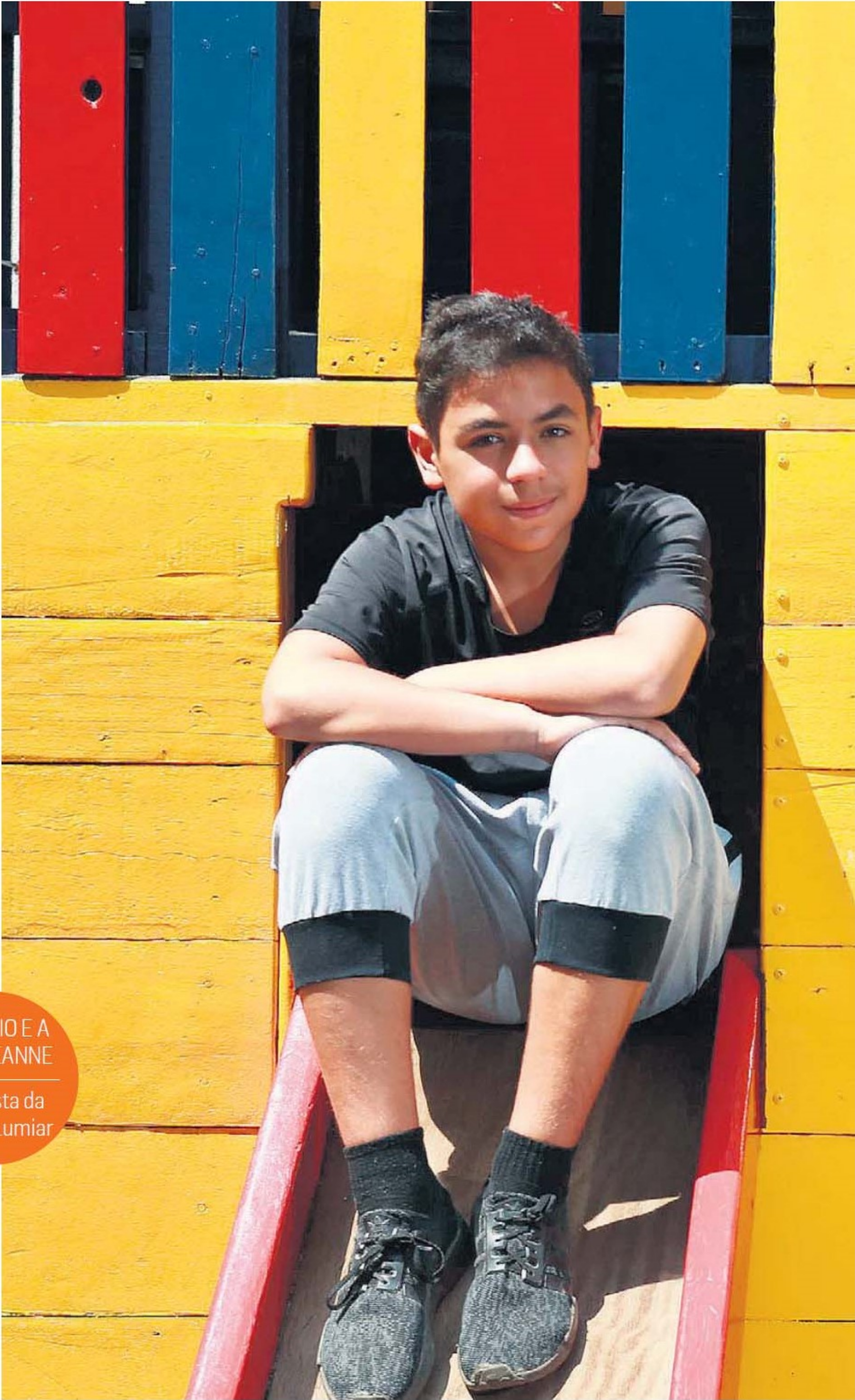
A escola Lumiar, na região central de São Paulo, elaborou há 15 anos um currículo de competências que antecipou diversos elementos da atual BNCC, como a promoção do autoconhecimento e da argumentação. Hoje, a base prevê que todas as escolas do Brasil, particulares e públicas, abordem esses e outros itens. “A diferença do currículo da BNCC para o nosso é como organizamos e nomeamos esses

itens”, explica a diretora da unidade de São Paulo, Fábiana Apolinária. Enquanto o documento do governo tem apenas um eixo, a escola tem duas matrizes para definir o aprendizado dos seus estudantes.

Conversa. O objetivo da metodologia Lumiar, criada pelo empresário Ricardo Semler em 2003, é integrar o aluno ao processo educacional, estimulando o questionamento e a colaboração com professores e colegas. Cada um pode dar pitaco. Tanto que, às terças-feiras, alunos, professores e funcionários do colégio, como o pessoal da faxina e portaria, se reúnem para uma grande “discussão de relacionamento”.

A rodona, como a iniciativa é chamada, incentiva que um indivíduo aponte algo na rotina escolar e pense coletivamente em alguma solução. Do mesmo jeito que um professor pode propor uma atividade, um aluno pode tecer críticas. Ou, ainda, uma funcionária da limpeza pode apontar um ato de vandalismo e propor soluções com o grupo. “Es-

ANTONIO E A
MÃE, JEANNE
Ele gosta da
escola Lumiar



HELVIO ROMERO/ESTADÃO



PERGUNTAS & RESPOSTAS

1. O que é a Base Nacional Comum Curricular?
É um documento que define as aprendizagens obrigatórias que escolas e professores devem oferecer aos alunos na educação básica. A BNCC é o primeiro regulamento já produzido pelo Brasil, embora já estivesse prevista no Plano Nacional de Educação, sancionado em 2014, e na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996. Serve como guia na preparação dos currículos de todos os sistemas escolares nos âmbitos federal, estadual e municipal, incluindo as escolas particulares.

2. Quais são os fundamentos pedagógicos?
A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, na sigla em inglês (Unesco) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) inspiraram a divisão da base em competências para estabelecer as finalidades gerais da educação básica brasileira. Além disso, o documento pretende promover a diversidade, a igualdade e a equidade para que o Brasil supere as desigualdades sociais, econômicas e históricas.

3. Quem fez o documento?
A BNCC da educação infantil e do fundamental foi elaborada pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), em parceria com o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime).

4. Levou quanto tempo?
Começou a ser pensada em 2014 quando o Plano Nacional de Educação (PNE) entrou em vigor e definiu a BNCC como meta. Mas as tentativas de implementação vieram já na Constituição de 1988 e na LDB de 1996. Em 2015, a primeira versão da BNCC veio a público. Houve mais duas versões, 2016 e 2017, quando foi aprovada e homologada pelo MEC.

5. Após a aprovação, quais os próximos passos?
O MEC realizou em março de 2018 o Dia D: Dia Nacional de Discussão da BNCC. A iniciativa foi de mobilizar agentes de diversos setores, como professores, alunos e diretores e secretarias de Educação, para discutir a implementação do projeto. Em regime de colaboração, municípios e Estados atuam juntos para fazer essa definição. Somente após esse trâmite é que as escolas poderão apresentar seus currículos.

6. Quando entra em vigor a BNCC das primeiras etapas?
A legislação diz que a BNCC deve entrar em vigor dois anos após a sua aprovação. Ou seja, como foi sancionada em dezembro de 2017, deve passar a valer em 2020.

7. E a BNCC do Ensino Médio?
A Reforma do Ensino Médio, de 2016, alterou a LDB. Por isso, os autores da BNCC preferiram pensar a base do ensino médio separadamente. Atualmente, está em discussão e espera-se que seja aprovada ainda neste ano.

se cuidado com o outro não é só entre criança e professor”, afirma Semler. “É com todo mundo.”

Foi esse tipo de comportamento que levou Jeanne de Alencar a matricular o filho, Antonio, de 11 anos, na Lumiar. De acordo com a mãe, a escola desenvolve o protagonismo na criança, algo em que Antonio não teve oportunidade de progredir em uma escola tradicional. E migrar de uma para a outra foi uma mudança da água para o vinho.

No atual colégio, onde completa seis anos de estudos, Antonio se acostumou à rotina sem grade horária, com o desenvolvimento de longos projetos interdisciplinares e discussões construtivas. “Houve um choque de rotinas e regras”, diz Jeanne, frisando que a Lumiar possui regras, sim, mas não como em uma escola tradicional. “Mas ele se encontrou lá e nós também, vendo a evolução dele.”

Normas. Embora particulares como a Lumiar tenham algum tipo de autonomia frente à rede pública para implementar o novo currículo e ir além do que é proposto, adiantando-se a tendências pedagógicas, a diretora executiva do Cenpec, Mônica Gardelli, explica que ainda assim elas devem estar atentas às regras da BNCC na sua respectiva região. Caso contrário, poderão enfrentar problemas ao desrespeitar as diretrizes curriculares vigentes.

“A base é uma oportunidade de tentar dar um salto na qualidade da educação”, comenta Mônica. O documento é uma chance de discutir a identidade do País e o que se espera de uma sociedade mais justa e igualitária. Mas, na sua visão, faltou dar a devida ênfase a questões de diversidade, como gênero, raça, sexualidade e desigualdade socioeconômica. “As pessoas podem ter uma interpretação ampla e podem fazer o contrário do que pede a base”, afirma a especialista. Entre os pontos positivos, ela destaca o detalhamento que o documento oferece

para que as escolas montem os currículos e monitorem o desempenho dos alunos.

Justamente graças a esses pormenores que o Colégio Dante Alighieri, na zona sul de São Paulo, repensa o seu projeto político-pedagógico para 2019. A coordenadora-geral de Pedagogia do colégio, Sandra Tonidandel, conta que, assim que a base foi aprovada, o corpo docente se reuniu, leu atentamente as novidades e fez os devidos ajustes no currículo escolar.

“A BNCC impactou diretamente o dia a dia da nossa escola”, afirma a coordenadora. Com o documento em mãos, os professores têm os detalhes do conteúdo curricular nacional e conseguem calibrar o que está sendo aprendido pelos alunos. Chamadas de avaliações formativas e processuais, os recursos para medir desempenho são feitos com bastante frequência no período letivo para acompanhar os estudos, havendo a realização de testes, argumentações, apresentações de pitch e outros formatos possíveis.

De acordo com Sandra, o Dante Alighieri não avalia somente por meio de uma prova no fim do bimestre, mas sim “o processo de aprendizado”. Se o aluno não aprender, é dado um retorno sobre o desempenho e pode ser até repensada a maneira como a matéria costuma ser dada. Na BNCC, esses objetivos de aprendizagem foram documentados detalhadamente por idade, série e disciplina.

No Colégio Franciscano Pio XII, na zona sul em São Paulo, a diretora adjunta, Fátima Miranda, caracteriza essas minúcias sancionadas na BNCC como uma “ressonância magnética”. Depois da análise, a conclusão foi simples: “A escola tem trabalhado muito além do que a base propõe”. O maior exemplo é como o trabalho voluntário tem uma presença forte no colégio e reúne alunos, familiares, ex-alunos e comunidade para cuidar de projetos beneficentes. “Somos uma escola católi-



Meta. Silvia se preocupa com exame de entrada dos filhos, Luiza e Pedro, na faculdade, mas diz que não é sua prioridade

ca franciscana e o trabalho voluntário se encaixa perfeitamente no DNA da instituição”, afirma Fátima.

Desenvolvimento. Ainda que o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e outras provas sejam importantes para o estudante, segundo Fátima, o Colégio Pio XII precisa estar articulada às competências da base e de uma formação humanizada. E essa estratégia conta com o respaldo dos pais. Silvia Liguori, mãe de Luiza, aluna do 1.º ano do ensino médio, e Pedro, do 8.º ano do fundamental, conta que se importa, sim, com vestibulares. “Mas não é minha preocupação principal”,

diz. Muito mais do que isso, ela quer uma formação focada em valores e acolhimento.

Camila Pontes também espera uma formação humanizada do Santa Maria, colégio em que suas duas filhas, Laura, de 3 anos, e Luísa, de 7, estudam. Lá, a pequena acaba de começar o Jardim I, na educação infantil, e a mais velha cursa o 1.º ano do fundamental. As duas meninas experimentam a revolução na educação infantil, proposta pela BNCC, que enumera campos de experiência a serem desenvolvidos nessa etapa e promove o protagonismo infantil.

No novo currículo do Santa Maria, são os pequenos que decidem o que querem estudar, no lugar do conteúdo que era



antigamente imposto sobre eles. E essa escolha pode surgir do mundo à volta deles, não necessariamente dos livros. Por exemplo, bastou uma volta no bosque do Santa Maria para que a última turma do Jardim I decidisse que gostaria de entender mais sobre formigas. E os insetos saíram da curiosidade lúdica e se tornaram o tema do primeiro semestre de 2018, com diversos conteúdos interdisciplinares preparados pela professora.

“Antes tínhamos propostas didáticas pensadas pelas professoras, levando em consideração a faixa etária dos alunos”, diz a orientadora pedagógica de educação infantil no colégio, Karine Ramos. Sob o modelo antigo, na maior parte das vezes, as professoras costumavam usar sequências didáticas, como as histórias infantis de Cachinhos Dourados, para preparar o material de aula. Agora, as sequências são utilizadas após a manifestação dos alunos.

Coletividade. E isso traz benefícios. “Quando você começa a escutar essa criança revelar os interesses dela, você a traz para um lugar de protagonismo”, explica Karine. Camila aponta que, nessa fase, é normal que as crianças desenvolvam um senso de individualidade. Pensando nisso, o Santa Maria fez a sequência didática dos “carinhos quentes”. Por meio de palpites que os pequenos sugerem, o objetivo da atividade é ensinar a gentileza e o afeto ao colega. “E a Laura trouxe esse comportamento para casa”, conta Camila.

“Os pais elogiam muito esse processo, até porque eles conseguem acompanhar o aprendizado”, afirma Karine, que trabalha há 20 anos com pedagogia e documenta em relatórios o progresso dos alunos ao longo do processo educativo. E eles têm um acompanhamento mais próximo do que os pequenos têm feito. “É um projeto coparticipativo”, afirma Karine. E Camila não tem o que apontar para ser melhorado no ensino da filha: “Eu estou bem satisfeita”.

Contas. Sala do Mary Ward estimula raciocínio com uso de jogos



Aprendizagem criativa antes das normas

Colégio Mary Ward aposta no lúdico para mostrar o conteúdo aos alunos

Para ajudar no ensino da Matemática, que tal uma sala feita especialmente para pensar em soluções matemáticas criativas, com os alunos reunidos em círculo? É o que oferece a Mathemoteca do Colégio Mary Ward, na zona leste de São Paulo. O espaço junta logística com ludicidade e pode ser usado por todos os alunos do 1.º ao 5.º anos do ensino fundamental. Para cada turma, a professora propõe um problema compatível com a faixa etária, e depois os estudantes procuram uma solução. O pulo do gato está na pluralidade: há muitas formas de resolver o jogo, embora a questão seja a mesma para todos.

“Não temos mais um processo de aprendizado mecânico”,

afirma o diretor pedagógico do Mary Ward, César Marconi, que fez uma parceria com o Grupo Mathema para levar a sala ao colégio.

Outra colaboração realizada com o grupo é o Projeto Círculo, em que o objetivo da proposta pedagógica é simples: deixar a criança ser criança. Por exemplo, a escola desconstrói a ideia de que a criança de 3 a 5 anos deva escrever com letra cursiva. E o plano ainda contempla a participação dos pais, que têm como lição de casa narrar histórias de livros infantis para desenvolver a oralidade dos filhos.

Para o diretor, é preciso refletir sobre o conteúdo e deixar que os pequenos se percebam no contexto. “Isso faz da

criança o protagonista”, afirma. Não à toa, protagonismo é uma das palavras-chave para entender a nova BNCC.

Nos últimos anos, o Mary Ward antecipou-se à base e fez mudanças na matriz curricular a fim de se modernizar. A principal novidade é a divisão de conteúdos e disciplinas antes amarrados em um único ano, agora apresentados ao longo de uma etapa. Um exemplo citado vem das aulas de Química (disciplina que, junto com Biologia e Física, se dividiu entre o ensino médio e o 9.º ano do fundamental), em que um típico cardápio de café da manhã foi usado para mostrar que componentes químicos integram a refeição. Os alunos, então, vão nomeando os elementos. “Trata-se de um pensamento científico, crítico e criativo”, diz Marconi.

Apesar da ênfase científica e acadêmica na matriz curricular da escola, entre as novidades propostas pela BNCC está

o ensino religioso. Mas isso não é novo no Colégio Mary Ward, cujo nome faz homenagem a uma freira expulsa da Inglaterra no século 16. Lá, a disciplina já existia e segue na grade. Segundo o diretor pedagógico, a matéria amplia o escopo abordado pela base e é uma oportunidade para discutir com os jovens temas importantes da atualidade, como drogas e aborto.

“Para a gente, a base não é um bicho de sete cabeças”, comenta. “O colégio já estava de olho nesse movimento em termos de mudança.” O Mary Ward usa o documento do jeito que foi pensado pelos educadores do governo: como um guia para montar o cardápio acadêmico que uma escola oferece. Mas, sob os olhos do diretor, nada ali é tão inovador assim. Para ele, a base é um “resgate social” do que a escola já vinha trabalhando. “A BNCC é exatamente o que você exige de um aluno do século 21.” /G.G.



“

Para a gente, a BNCC não é um bicho de sete cabeças. O colégio já estava de olho nesse movimento de mudança

César Marconi, diretor pedagógico do Mary Ward

10 COMPETÊNCIAS DEFINIDAS NA BNCC PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

A Base Nacional Comum Curricular estabelece dez competências gerais para guiar a educação básica. O documento enumera um conjunto de habilidades e práticas que o aluno deverá aprender para o exercício da cidadania, como por exemplo conhecer as tecnologias digitais, saber argumentar e cuidar da saúde física e emocional. Para a diretora executiva do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), Mônica Gardelli, é preciso levar em consideração a realidade da escola antes de se aplicar essas competências. Tendo isso no horizonte, poderão ser criadas metodologias conforme as exigências da BNCC.

Conhecimento
Trata-se de explicar a vida a partir de informações sobre o mundo físico, social, cultural e digital. Mônica afirma que o conhecimento não deve ser encarado como um bem adquirido, “mas como um repertório que permite que o aluno interfira na realidade”.

Pensamento científico, crítico e criativo
Prevê que a curiosidade intelectual, se-

ja estimulada por meio da metodologia das ciências, usando o teste de hipóteses, a formulação de problemas e a criação de soluções para exercitar a investigação, a criticidade e a imaginação.

Repertório cultural
Esta competência valoriza as manifestações artísticas e culturais do Brasil e do mundo, bem como convida o aluno a fazer parte. “É fundamental para a interpretação do mundo”, afirma Gardelli. “Ver o mundo a partir desse repertório cultural é como ganhar óculos.”

Comunicação
Devem ser usadas as linguagens verbal, corporal, visual, sonora e digital, para permitir que o estudante saiba se expressar e interpretar códigos. Em Língua Portuguesa, exemplifica a especialista, é possível trabalhar isso com os diferentes gêneros de discurso, incluindo os de meios digitais.

Cultura digital
O objetivo é fazer com que o aluno se comunique, acesse e dissemine informações com protagonismo, reflexão e ética. Para Mônica, tem como função ga-

rantir e promover a apropriação dos recursos digitais, e ainda a reflexão sobre eles. Ou seja, esta competência não deve exigir que somente se faça uso de plataformas, mas sim que também se discuta o mundo digital.

Trabalho e projeto de vida
O que se espera é que o aluno pense o mundo do trabalho e dos sonhos de maneira autônoma e responsável. “É o que dá sentido à nossa existência”, diz a especialista. E sugere que a competência seja trabalhada transdisciplinarmente, assim “todos os professores podem colaborar com o objetivo do aluno”.

Argumentação
A intenção é promover com fatos, dados e informações confiáveis a argumentação, que deve contemplar a formulação de ideias, defesa de pontos de vista e o respeito a direitos humanos, consciência socioambiental e consumo responsável. Nesta competência, alerta a diretora-executiva do Cenpec, outras habilidades precisam ser bem trabalhadas com os alunos, como repertório cultural, comunicação e pensamento científico, crítico e criativo.

Autoconhecimento e autocuidado
A escola deve engajar o estudante a cuidar do próprio bem-estar e da sua saúde física e mental, assim como a reconhecer o estado emocional do outro. “Tem bastante a ver com a capacidade que temos de se enxergar no mundo em que vivemos”, explica a especialista.

Empatia e cooperação
Exercitam-se o diálogo e a resolução de conflitos, acolhendo a diversidade. Para Mônica, trata-se de um ponto complexo, já que não aborda a questão da ética. “Para desenvolver empatia, é preciso que você a tenha.” Sugere, então, investir na formação dos professores.

Responsabilidade e cidadania
Aqui o objetivo é levar o aluno a pensar coletivamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. “Nos espaços escolares, isso não é grande novidade”, diz a especialista. Muito mais do que a responsabilidade consigo mesmo, esta competência deve abordar a relação com o outro. “Não é apenas entregar as coisas no horário”, justifica.

FONTES: MÔNICA GARDELLI/CENPEC; CONSULTA DO DOCUMENTO DO MEC; CONSULTA DE MATERIAL DO MOVIMENTO PELA BASE NACIONAL COMUM

DECISÃO

Pontos para *observar* ao escolher uma *escola*

Saiba que aspectos verificar para se sentir mais seguro ao definir o colégio do seu filho

Uma boa educação é um investimento a longo prazo. Exige dinheiro, tempo, dedicação e paciência com o retorno que virá somente na vida adulta. E, quando se trata de escolher um colégio para as crianças, o desafio é ainda maior. Mas há caminhos para quem não sabe por onde começar.

A coordenadora do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Neide Saisi, explica que são dois os fatores

que mais pesam para os pais nesse processo de escolha de escola para seus filhos: a localização e o preço do colégio.

Mas outros fatores menos objetivos também entram na conta, de acordo com a professora. Antes de tudo, ao conhecer uma escola, os responsáveis precisam garantir que uma pergunta saia respondida após a visitação: qual é a concepção de criança que a escola tem? / **GUILHERME GUERRA, ESPECIAL PARA O ESTADO**



FELIPE ARAÚJO/ESTADÃO

Enfoque. Os pais devem perguntar a linha pedagógica para ver se concordam com a abordagem

1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.

CONFIANÇA

É preciso que os pais confiem na instituição de ensino. Afinal, a criança passará a ter uma rotina na escola. Além da confiança no conteúdo ensinado, devem saber que o filho está em segurança, tanto psicológica quanto fisicamente.

AUTO-ANÁLISE

Para decidir sobre qual escola adotar, recomenda-se que a família conheça a si própria. Algo como todo mundo no divã. Assim, fica mais fácil saber o que poderá ser interessante na educação da criança e descartar as opções que desagradam.

LINHAS PEDAGÓGICAS

Há escolas de diferentes abordagens e, portanto, diferentes métodos. Tradicional, construtivista e Waldorf são as mais comuns. Conhecer um pouco de cada uma pode ajudar a filtrar o maior volume de instituições.

DIVERSIDADE

Esse aspecto pode ter um peso muito grande na formação de uma criança, segundo a coordenadora do curso de Pedagogia da PUC-SP. Ela observa que há escolas que dão mais ou menos ênfase à diversidade, seja entre professores ou entre alunos.

DIREITO AO ÓCIO

Deixar um tempo livre para o aluno não é má ideia, acredite. No ensino integral, pode haver oportunidades para que ele escolha o que fazer no horário livre. Quer brincar, cochilar ou estudar? Isso tende a dar mais autonomia, já que ele está seguro na escola.

PREÇO

Uma mensalidade de valor muito alto, dependendo da renda familiar, pode afetar as finanças dos pais e sacrificar os investimentos em lazer que contemplem a criança, como uma ida ao cinema, compra de brinquedos e viagens.

LOCALIZAÇÃO

Em uma cidade grande como São Paulo, por exemplo, uma longa distância entre casa e escola pode ser prejudicial ao desempenho do aluno. Com maior tempo de deslocamento, pode haver estresse pelo trânsito ou mesmo pelo atraso à aula.

FUTURO

Colégios se antecipam à BNCC do ensino médio

Disciplinas optativas já fazem parte da grade de algumas instituições em São Paulo

Alex Gomes e
Ocimara Balmant
ESPECIAIS PARA O ESTADO

O que fazer para oferecer um ensino que faça sentido à geração Z e, ao mesmo tempo, prepare esses jovens para os novos desafios do mercado de trabalho? A receita não é fácil. Nem está pronta. Enquanto continuam as discussões da Base Nacional Comum Curricular para a última etapa da educação básica, as escolas já começam a se preparar para cumprir o que prevê a lei que instituiu o ensino médio flexibilizado. Quando entrar em vigor, o aluno terá 60% da carga horária destinada à parte comum e, nos 40% restantes, os estudantes poderão escolher conteúdos organizados em cinco itinerários formativos. “Estamos fazendo uma mudança com o trem andando”, compara Silvio Freire, diretor do ensino médio do Colégio Santa Maria. Como a cada dez

anos a escola revê seu Projeto Político Pedagógico (PPP), tem aproveitado este momento para refazer o documento a partir do que prevê a base nova. “Como a BNCC define que a escola tem de se estruturar em competências e habilidades, tivemos de reformular todos os planos de curso, repensar cada uma das disciplinas.” Atualmente, a instituição já tem um núcleo comum no ensino médio, com disciplinas básicas como Matemática, Português, Física e Biologia, e um núcleo diversificado, com as optativas. Com a BNCC, a escola se prepara para enquadrar esse conteúdo opcional nos chamados itinerários formativos. Para que elas ocupem 40% da carga horária e não haja prejuízo no aprendizado das disciplinas tradicionais, provavelmente os alunos terão aulas no contraturno quatro vezes por semana, em vez de duas. “Já temos aula de mídias di-

ANÚNCIO

O que o Band aprendeu unindo 5 disciplinas em uma aula?

Processo de seleção para a 1.a série do Ensino Médio. Exame dia 20/10. Saiba mais: colband.com.br

*STEAM: Science, Technology, Engineering, Arts & Design and Math.

- AULA CURRICULAR STEAM*
- ESPAÇO MAKER
- APROVAÇÃO NOS MELHORES VESTIBULARES
- VISITE O BAND COLBAND.COM.BR

Aprendeu que o conteúdo não pode ter barreira. Que o grupo é mais eficiente que o individual. Que o resultado do vestibular não é construído com decoreba. Que quem vive para ensinar nunca pode parar de aprender.

 **Colégio Bandeirantes**

gitais, direito internacional, astrofísica e outros assuntos, que representam uma parcela pequena. Agora poderemos ampliar o cardápio. Também aumentaremos muito as aulas práticas, o que fará o aluno se interessar muito mais”, resume Freire.

Por outro lado, ressalva o pedagogo, a BNCC amplia as opções, mas não prevê um ensino personalizado, como às vezes a propaganda do governo dá a impressão de que será, acredita. “Os pais veem a propaganda na televisão e vêm com a expectativa de que o filho será atendido em sua especificidade. Mas isso não é possível. Tenho cinco itinerários e 540 alunos. Não dá para ser um currículo para cada um.”

Para ajustar as expectativas, todo o processo de adaptação da escola está sendo comunicado aos pais. Recentemente, aqueles com filhos no ensino médio e nos anos finais do fundamental foram convidados para uma apresentação. A administradora de empresas Carla Lopes, mãe de Amanda, que cursa o 9.º ano do ensino fundamental, gostou do que ouviu. “Acho que a mudança é bem-vinda e vai motivar os alunos a se tornarem mais proativos, por estarem em um curso mais alinhado com seus interesses. Só é preciso cuidado para não focar muito na prática, porque os conteúdos voltados para a parte comportamental,

como Artes, Educação Física e Filosofia, são fundamentais.”

Sem alterar o DNA. Na maioria das escolas privadas, as adaptações têm sido feitas de forma a manter o DNA da escola. O Colégio Equipe, por exemplo, já trabalha com áreas do conhecimento e a partir delas é que deve definir os itinerários. “Já fazíamos um ensino médio com grandes diretrizes, focando no que achamos importante e indo além do conteúdo exigido pela Fuvest e Enem”, afirma Luciana Fevorni, diretora da instituição.

De vocação humanista, o colégio já trabalha seis formações temáticas que poderão integrar os futuros itinerários: história e cinema; astronomia; juventude e identidade, São Paulo: centro e periferia; filosofia e religião; e arte contemporânea. Todas nascem de discussão curricular ou interesses dos alunos, como o treinamento esportivo ou a formação de um coletivo feminista.

Sem amarras de um currículo estanque, o Projeto Político Pedagógico da escola prevê que o aluno tenha contato com muitos conteúdos e possibilidades antes de decidir no que quer se aprofundar. “Queremos que ele teste pra saber o que quer e o que não quer, o que gosta e o que não gosta. O que temo e não podemos deixar acontecer nesse caminho proposto pela BNCC é que sejam escolhas de especializar e não integrar conhecimentos”, afirma Luciana. Com duas turmas de ensino médio, ela estima que a escola vai oferecer dois ou três percursos e prevê um intercâmbio de alunos. “Imagino que vá ocorrer migração de estudantes entre as escolas, para cursarem itinerários formativos diferentes.”

Flexibilidade. Na Escola Lourenço Castanho, que tem nove salas do ensino médio, os componentes eletivos já estão agrupados dentro dos itinerários propostos pela BNCC. “Nossa estrutura já está condi-

AMANDA E A MÃE, CARLA

Elas aprovam mudanças



JF DIORIO/ESTADÃO

NÚMEROS

7,9 mi

É o número de matriculados no ensino médio no Brasil

88%

Dos matriculados estão na rede pública

11%

É a evasão do ensino médio

zente com o que a reforma propõe. Talvez a gente tenha de ampliar a obrigatoriedade, mas os cursos são separados por área, nas quatro grandes áreas da base. Só para a formação técnica é que teremos de fazer alguma parceria”, explica Alexandre Abbatepaulo, diretor-geral da instituição.

Os conteúdos de astronomia, clube de química e construção de materiais para o ensino de Física vão ao encontro dos itinerários de Matemática e Ciências da Natureza. Em sintonia com Ciências Humanas, a escola oferece preparação para fóruns e debates, já a área de Linguagens é contemplada com atividades de produção musical e teatro.

Tudo isso hoje é feito de forma flexível, um ponto que, de acordo com Abbatepaulo, deveria ser contemplado na BNCC. “O aluno vai amadurecendo sua escolha, suas afinidades. Se ele ficar preso a um itinerário desde a primeira série, cria uma amarra perigosa. Ele precisa poder circular e passar por outros itinerários.”

Como esse ponto ainda não está definido – a BNCC está em discussão no Conselho Nacional de Educação –, a escola tem promovido encontro de profissionais com seus estudantes dos anos finais do ensino fundamental. A design de joias Marcela Haddad, mãe de Isabela, aluna do 9.º ano, fez questão que a filha participasse. “Ela está mais voltada para Humanas, com um certo interesse em moda.” Apesar de considerar positivos muitos aspectos da reforma, ela se preocupa com a definição do itinerário formativo, decisão que considera precoce. “É escolha séria para as crianças de 14 anos. Elas não têm a opinião 100% formada e acho que a escola tem mesmo de ajudar nessa questão.”

Se não houver flexibilidade, alerta o pedagogo Silvio Bock, corre-se o risco de antecipar ainda mais a escolha profissional, que já considera precoce no Brasil. Isso poderia, segundo o especialista, levar a uma multidão de alunos que escolheram um itinerário, decidiram prestar vestibular para ou-



LOURENÇO CASTANHO

Itinerários. A produção musical no Lourenço Castanho se encaixa na área de Linguagens

Base do médio: qual é a proposta e em que fase ela está

● A lei que altera o ensino médio foi sancionada em fevereiro de 2017, e as redes terão dois anos para implementar o modelo após a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para essa etapa da educação. A BNCC define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver. A partir dela, as redes de ensino e instituições públicas e privadas passarão a ter uma referência nacional comum e obrigatória para a elabo-

ração dos seus currículos e propostas pedagógicas. Em outras palavras, a BNCC dá o rumo e indica aonde chegar, mas os currículos é que definem os caminhos. Além dos itinerários, a BNCC também prevê que a carga horária passe de quatro para cinco horas diárias. A meta é ter 25% dos alunos do ensino médio matriculados em tempo integral até 2024 – hoje são 6%. O texto da BNCC do ensino médio está em discussão no Conselho Nacional de Educação.

tra área e chegariam ao exame sem o repertório necessário. “Questiono o ensino enciclopédico que os vestibulares exigem, mas não temos notícia de que isso vai mudar. Então, não podemos deixar os alunos à própria sorte.”

Ensino público. Um olhar para a rede pública, que concentra a maioria das matrículas do médio, mostra que o caminho para a implementação do ensino flexibilizado esbarra em questões complexas. Dados do Censo Escolar de 2016 mostram

que 53% municípios do País possuem somente uma escola com ensino médio regular ou educação profissionalizante. São 2.967 cidades nessa situação, o que evidencia o desafio da implementação dos itinerários formativos propostos.

“Por isso, o modelo de flexibilização precisa ser muito bem pensado e as secretarias de Educação muito bem instrumentalizadas para entender como flexibilizar o currículo e criar as possibilidades dos jovens construir os seus percursos formativos em um

município que só tem uma escola de ensino médio”, destaca Cláudia Santa Rosa, secretária de Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte.

Além da questão dos itinerários, acrescenta a especialista, outras engrenagens do sistema devem estar afinadas: é preciso preparar os docentes na formação inicial e na formação continuada a partir desse novo parâmetro, garantir que os materiais didáticos estejam alinhados e, por fim, ajustar as avaliações nacionais para que fiquem coerentes com as novas diretrizes.

Para acertar as arestas, a educadora defende que as redes adotem a sugestão do MEC de implementar pilotos em 2019. “É uma reforma que muda tudo. Ao diversificar e ampliar o conteúdo, aumenta o número de professores, cresce o tempo dentro da escola, muda questões até do transporte escolar”, afirma Cláudia. “São alterações complexas, mas que vão valer a pena quando percebermos que a reforma pode combater a evasão escolar e instigar a injeção de recursos para laboratórios e equipamentos. É preciso fazer que o jovem sinta que vale a pena estar na escola.”



LICEU DE ARTES E OFÍCIOS

Maioria. Dos 539 alunos do médio no Liceu, 304 fazem ensino técnico

Profissionalizante é o maior desafio da reforma

Muitas escolas não devem ter esse itinerário ou farão parcerias para oferecer essa opção

Dentre os cinco itinerários propostos na reforma do ensino médio, a educação profissional tem sido o maior desafio das escolas – tanto que muitas delas não devem oferecer essa opção ou o farão por meio de alguma parceria. É uma oferta pequena frente a uma procura que deve ser grande. De acordo com os dados do Censo da Educação Básica, dos alunos que terminam o ensino médio no Brasil, apenas 20% seguem para o curso superior, o restante segue direto para o mercado de trabalho e, atualmente, a maioria deles faz essa transição sem ter recebido formação profissionalizante: apenas 9% das matrículas são em cursos técnicos.

O Liceu de Artes e Ofícios é um dos colégios que já oferece essa formação técnica. “Já temos a proposta do itinerário formativo técnico consolidada. Foram anos de aprimoramento e debates. Quando de fato a mudança vier, provavelmente já estaremos prontos”, afirma Emerson Paes Barreto, coordenador pedagógico da instituição. Do total de 539 es-

tudantes do ensino médio, 304 estão matriculados em cursos técnicos como Eletrônica, Automação Industrial, Edificações, Desenho de Construção Civil e Multimídia. É gente que tem mercado de trabalho garantido. Uma pesquisa de egressos do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) aponta que, a cada dez estudantes formados pela instituição, sete conseguem vaga no mercado de trabalho no primeiro ano de formado. O estudo Mapa do Trabalho Industrial 2017-2020, também produzido pelo Senai, mostra que o Brasil terá de qualificar 13 milhões de trabalhadores até 2020 para atender à demanda da indústria. Capacitar o aluno do ensino médio para o mercado de trabalho é a política educacional de países desenvolvidos e de alguns com situação econômica similar ao Brasil, caso do México. Lá, 40% dos estudantes fazem ensino técnico. Na Europa, o índice passa dos 50% e chega a mais de 70% em países como Áustria e Finlândia. /O.B.

COMO SE DIVIDEM AS 3.000 HORAS DE AULAS

60% comum (1.800 horas)
É o conteúdo obrigatório previsto pela BNCC:
Linguagens
Matemáticas
Ciências da Natureza
Ciências Humanas

40% flexível (1.200 horas)
Aqui o aluno pode escolher entre os cinco itinerários propostos:
Linguagens
Matemáticas
Ciências da Natureza
Ciências Humanas
Educação Profissional



ARTIGO

Sonia Barreira, diretora-geral da Escola da Vila

'COMO A BASE PREVÊ TAMBÉM APRENDIZAGEM POR SÉRIE (IDADE), O PROBLEMA PERMANECE'

“É falsa a ideia de que os resultados fracos do ensino médio se devem apenas aos problemas desta etapa, e isso é evidente para quem atua em instituição escolar. Olhando os números da avaliação da educação básica (Saeb) divulgados em 30 de agosto, aparentemente o fundamental melhorou e o médio piorou.

Os programas estão organizados por série, ou seja, a cada idade corresponde um programa curricular. Teoricamente há progressão nessas propostas, garantindo que os alunos tenham acesso a conteúdos mais complexos a cada ano. No entanto, não há propriamente um uso das ciências de base que ajudem a definir o que cada etapa do desenvolvimento cognitivo pode elaborar e aprender.

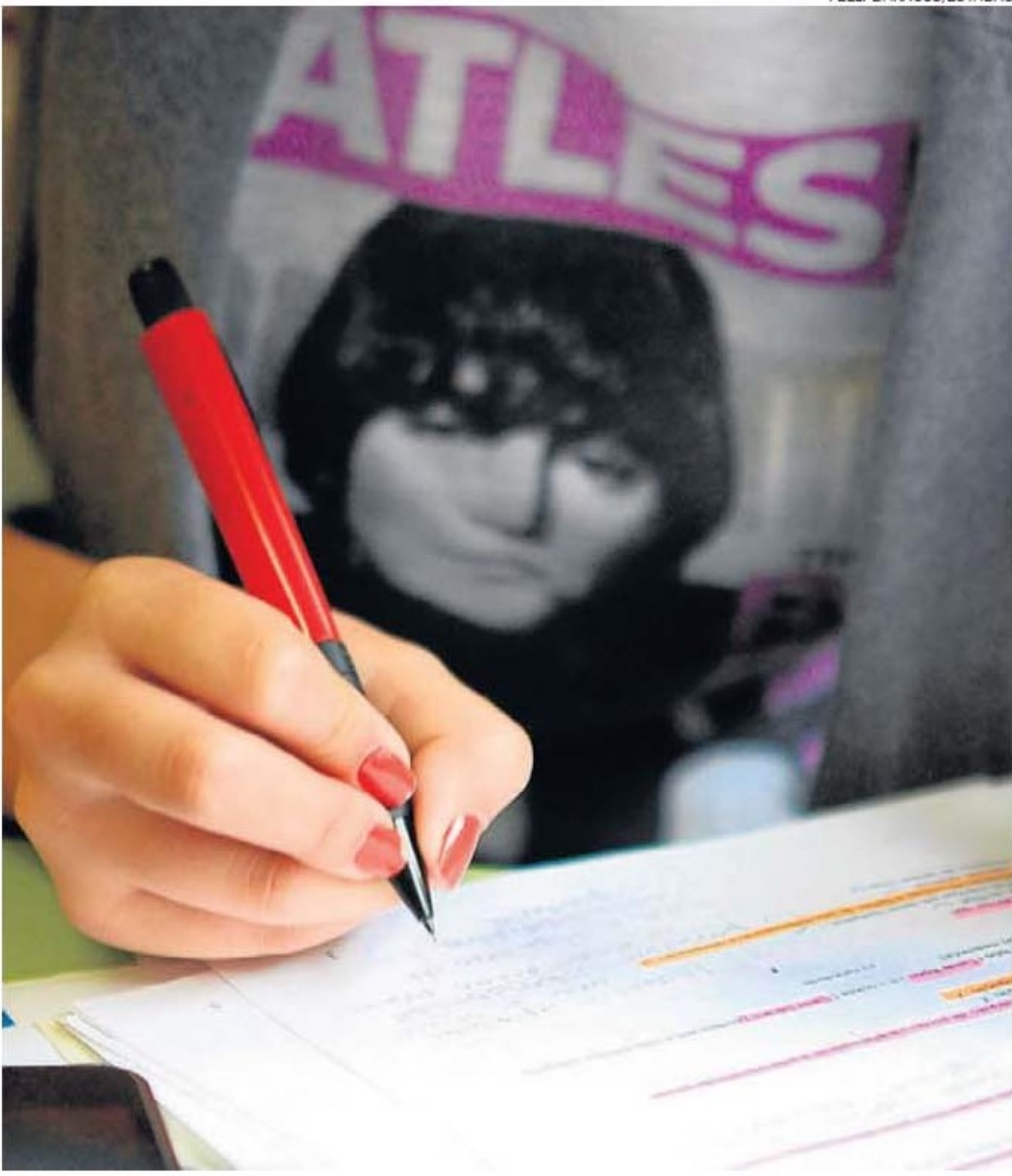
Então como as escolas definem o que ensinar? Ainda hoje, os conteúdos são distribuídos de acordo com o que aparece nos livros didáticos. Mas como as editoras distribuem os conteúdos nos livros? O fizeram de acordo com a tradição escolar. E de onde vem essa tradição? Não se sabe. Os sistemas de ensino, nascidos mais tarde, também seguiram a lógica definida pelos livros, com pequenas alterações. É claro que as escolas fizeram ajustes, mas são raros. Vale ressaltar que alguns livros didáticos se modernizaram após os Parâme-

tros Curriculares Nacionais (1998), mas não alteraram substancialmente a sequência dos conteúdos pelas séries.

Hoje, há iniciativas para sanar esse problema por meio da Base Nacional Comum Curricular. Aparentemente, isso seria um dos maiores empecilhos para uma educação de qualidade no País. Associados a essas mudanças, prometem-se novos programas de formação de professores, novas maneiras de praticar as avaliações nacionais e mudanças nos vestibulares! Ainda que tudo dê certo e funcione perfeitamente (difícil de acreditar), o fato de a base estar também organizada por expectativas de aprendizagem por série (idade) faz com que um problema permaneça.

Na prática, essas definições não estão diretamente vinculadas à capacidade dos alunos aprenderem, isto é, não seguem a “lógica da aprendizagem”. Essas definições foram realizadas tendo por critério a lógica dos conteúdos. Nem sempre essas lógicas estão sintonizadas. Há assim uma organização dos conteúdos que nem sempre facilita a aprendizagem, ao contrário, muitas vezes são responsáveis pelo surgimento de obstáculos cognitivos que impedem a compreensão dos aprendizes.

Por outro lado, os alunos, singulares e distintos uns dos outros, vêm de experiências igualmente distintas e chegam à escola com maior ou menor capacidade de aprender certos conteúdos. Não é apenas porque o professor não sabe ensinar que o aluno não aprende, às vezes, lhe faltam conhecimentos ou experiências anteriores que facilitariam seu processo. Mas as escolas estão organizadas para o ensino padronizado. Se na 4.ª série ensinam-se frações, é quando o aluno precisa aprender. Se não aprende, o único mecanismo que a instituição tem é a reprovação. Refazer um ano e ter novamente contato com as noções que envolvem as frações não torna o aluno apto a aprender, porque começa o mesmo processo, sem os conceitos ou as experiências necessárias.



FELIPE ARAÚJO/ESTADÃO

Se o aluno não é reprovado, segue para o ano seguinte para aprender um novo conteúdo, sem que ninguém mais vá dedicar-se a ensinar-lhe frações já que está na hora de aprender novo conteúdo. E, então, ele prossegue na vida escolar sem saber um conteúdo que envolve conceitos determinantes para que possa compreender os que vêm pela frente. Quando chega ao ensino médio e vai para a avaliação nacional, fracassa não porque seu professor não sabia ensinar, mas porque o sistema prescreve aprendizagens específicas num dado tempo e momento e não prevê mecanismos eficientes para os que não seguem

a par e passo com os demais. Infelizmente não se trata da minoria e, por essa razão, ao avaliarmos o médio, concluímos que o problema está situado apenas nessa etapa.

Evidentemente não negamos que o ensino médio tem sérios problemas e necessita mudanças, assim como é preciso valorizar a profissão docente. Mas, enquanto a instituição escolar não romper com a lógica do tempo igual para todos aprenderem o mesmo e se organizar para o atendimento à diversidade, continuaremos produzindo o fracasso da escola desde as séries iniciais!

“
Como as escolas definem o que ensinar? Os conteúdos são distribuídos de acordo com o que aparece nos livros

AVALIAÇÕES

Pais dão *nota* que vale pontos no *colégio*

Quando se comportam bem em casa, filhos podem subir resultado obtido no bimestre



BRUNA ANGELINI

Guilherme Guerra
ESPECIAL PARA O ESTADO

Para incentivar melhor comportamento dos alunos em casa, o Colégio Brasil Objetivo, em Interlagos, propõe que os pais avaliem os filhos. Por meio de um questionário bimestral de 30 perguntas, o responsável anota se o filho tem arrumado a cama, feito a lição de casa e escovado os dentes. Ao final, é dada uma nota e, se o jovem cumpriu todas as obri-

gações no lar, o estudante pode ganhar até dois pontos na composição da nota.

A iniciativa surgiu quando a diretora Deverlene Rocha percebeu que os familiares tinham dificuldades em disciplinar o filho em casa. Aos poucos, ela e as coordenadoras notaram que cronogramas de bom comportamento na porta da geladeira surtiam pouco ou nenhum efeito. Daí resolveram apostar na nota como forma de recompensa em um sis-

tema que o Brasil Objetivo chama de “avaliação de vida diária”, a AVD, pela qual passam todos os alunos do fundamental e médio.

A diretora afirma que a AVD não é apenas um método de recompensa para a criança. É uma forma de inserir a família no processo educacional. “É fazer com que o pai se torne mais participativo”, afirma. Além disso, a diretora sempre recomenda que a família não faça perguntas ao filho, e sim

que observe se ele cumpre as obrigações. “Não quero que só a escola dê a nota”, comenta.

No dia a dia escolar do Brasil Objetivo, os dois pontos máximos das AVDs são somados à nota de participação em sala de aula (até 5 pontos) com a vistoria da coordenação, que pode dar até 3 pontos para aqueles que têm o caderno em dia, por exemplo. Esses 10 pontos máximos são depois somados com as avaliações mais tradicionais, como provas e trabalhos. Só então é feita a média.

Parceria. Mas e se os pais forem exigentes ou relapsos demais nas avaliações? Deverlene confessa que esse é um ponto negativo do projeto, mas a coordenação faz um cruzamento de informações entre as avaliações de vida diária e o desempenho no espaço escolar. Se há uma grande discrepância durante muito tempo, o jeito é chamar a família para conversar. “A gente quer esse pai mais parceiro”, conta. Do mesmo jeito que um professor imprime subjetividade durante a avaliação de participação, o pai não consegue saber se o comportamento do filho é comum à faixa etária, por exemplo. Para a diretora, é nessa hora que a escola entra para calibrar essa dosagem.

Tatiane Angelini sentiu uma diferença positiva no filho Heitor após baixar a nota da avaliação de vida diária. Por “comodismo”, nas palavras dela, o garoto de 9 anos deixava de fazer a lição de casa ou só fazia com auxílio da mãe. Com a baixa avaliação, o comportamento mudou. “Acho interessante participar da nota do filho, sabendo que você contribuiu e houve melhora”, diz.

“No começo, você acha a AVD um pouco diferente, mas com o passar do tempo a evolução é fantástica”, comenta a mãe. Seus outros dois filhos também estudam no Colégio Brasil Objetivo e também passam pelo crivo avaliativo da mãe, que garante que nunca deram trabalho nesse aspecto.

FAMÍLIA ANGELINI

Adaptados à nota em casa

Hoje, a filha mais velha, Camila, está para se formar no 3.º ano do ensino médio após passar a vida toda estudando na mesma instituição.

Nas AVDs, o conteúdo varia conforme o ciclo de educação. Do 1.º ao 5.º ano, o responsável deve avaliar se a criança conhece o trabalho do pai ou da mãe e se compreende o contexto dentro de casa. Depois, o aluno deve estar atento à vida financeira da casa e, no médio, se há preparação para o vestibular, estudo de uma segunda língua e leitura. “Agente mexe com a casa”, brinca Deverlene.

Postura. Nos outros aspectos, no entanto, a escola é bastante tradicional. “Não tenho receio de dizer isso”, comenta a diretora. Ela exemplifica: é obrigatório o uso de uniforme, vetado calçar chinelo quando há aulas de educação física, e não fazer lição de casa perde ponto. Para ela, o mercado de trabalho vai cobrar um comportamento rígido, por isso é dever da escola já preparar o aluno para as etapas seguintes.

Para a maior parte dos alunos, o passo seguinte é o vestibular. Na visão do colégio, ir bem na prova não é uma tarefa isolada. Para garantir a vaga no ensino superior, é preciso dedicação, doutrina e cumprir horários. O amadurecimento é um fator importante na rotina de estudos e, de acordo com Deverlene, não ser uma pessoa com o quarto desorganizado já é um bom início. Por isso o colégio trabalha a relação de responsabilidade que o aluno deve ter não apenas no espaço físico do colégio, mas também em casa.

“As avaliações de vida diárias são um desenvolvimento integral”, diz Deverlene. Fazendo somente ajustes pontuais conforme a necessidade dos pais, ela diz que não há planos para alterar a metodologia das AVDs por enquanto. A diretora defende que a avaliação não pode ser só feita pela escola, e sim um trabalho conjunto para avaliar o indivíduo como um todo. “O ser humano não é um diploma, é uma junção de tudo”, afirma Deverlene.

Professores são avaliados pelos estudantes

Docentes também analisam a própria conduta e recebem retorno sobre seu desempenho

O Colégio Marista Arquidiocesano, na zona sul de São Paulo, trata seus professores como qualquer empresa lida com os funcionários: com metas de desempenho anuais. Pontualidade, comprometimento, planejamento, estratégia de aula e relacionamento com alunos e colegas são fatores que estão sob análise ao pensar nos objetivos de um docente da escola.

Para mensurar essas metas, a coordenadoria da escola faz com que os professores façam uma autoavaliação, enquanto os gestores avaliam o trabalho do professor a partir de critérios como pontualidade. No fim do processo, os estudantes também contribuem com a perspectiva da sala de aula. “Temos de dar um painel de informações e de desempenho profissional do professor como um todo”, conta o coordenador do ensino médio do Arquidiocesano, Wellington Nunes de Souza. “Serve para que o professor

perceba como está o trabalho dele”, afirma Souza.

O ensino médio do Arquidiocesano tem foco em vestibulares, em especial a Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), que é a prova com maior horizontalidade de conteúdo, segundo o coordenador. Além de dedicar esforços na formação do estudante, com palestras, aulas de reforço e interdisciplinaridade, a instituição de ensino colabora com a melhora da qualidade dos professores ao dar um feedback das avaliações feitas. Com o retorno avaliativo em mãos, o professor repensa a metodologia junto com a escola, como um plano de desenvolvimento individual.

Outro rumo. Souza conta que uma determinada disciplina com baixo desempenho entre os alunos teve as propostas didáticas alteradas depois que a coordenação se sentou com o docente para pensar novos métodos de ensino. “A gente identificou que o professor focava em aula expositiva e sem diálogo com os alunos”, lembra.

As mudanças didáticas, como materiais extras e rodas de discussão, aumentaram o desempenho da turma. Como consequência, o professor se sentiu fidelizado à escola pelo reconhecimento e o ambiente de trabalho e aprendizado fica favorável. “Estamos aqui pra somar”, afirma o coordenador. “Nosso professor não está sozinho na sala de aula. E quem se beneficia do processo é o aluno.” / **G.G.**

“

Estamos aqui para somar. Nosso professor não está sozinho em sala. E quem se beneficia com o processo é o aluno

Wellington Nunes de Souza, coordenador do ensino médio do Arquidiocesano



SCHOOL PICTURE

TENDÊNCIA

ALEX SILVA/ESTADÃO



VITÓRIA E JOAQUIM
Inglês desde os 2 anos

Quando ser *bilíngue* é mais que opção

Colégios paulistanos botam aulas em português pela manhã e em outra língua no período da tarde

Alex Gomes e
Ocimara Balmant
ESPECIAL PARA O ESTADO

Vitória tem 10 anos de idade e recentemente foi a consultora da mãe quando essa precisou preencher um contrato de trabalho em inglês. Carolina, de 13 anos, costuma atuar como tradutora de outras crianças nas viagens internacionais. Pedro, de 8 anos, já entende pequenas histórias em alemão. Os três estão matriculados em escolas bilíngues, uma modalidade que cresce ano a ano em um mundo cada dia mais globalizado. “Meu marido e eu sempre quisemos uma escola bilíngue, já era um conceito da família. Como o inglês é uma

tendência mundial, foi uma escolha natural”, conta a arquiteta Eliana Bernardes Passinho, mãe de Vitória e Joaquim (de 8 anos). Ambos estudam na Escola Builders desde os 2 anos. Atualmente matriculados no 5.º e no 3.º anos do ensino fundamental, eles ficam das 7h45 às 15h20 no colégio. Pela manhã, em geral, têm aulas em português e, após o almoço, o conteúdo é ministrado em inglês. O currículo é formatado para que o conteúdo não seja repetitivo nem enfadonho. Se na aula de Ciências a explicação sobre as células é feita em português, as experiências no laboratório são realizadas em inglês. “Quando a escola surgiu, há 20 anos, tínhamos de



Material. Editora Systemic se especializou em preparar conteúdo para escolas bilíngues

implorar para convencer os pais sobre a eficácia do nosso ensino. Hoje, as famílias é que nos procuram porque entendem que o ensino bilíngue não diminui a capacidade na língua materna. Ao fazer a atividade em dois códigos, o aprendizado fica mais rico”, afirma Ana Célia, diretora pedagógica do Colégio Builders.

Como não há uma regulamentação em âmbito nacional para esse tipo de ensino, as escolas costumam desenvolver as próprias metodologias, tendo como base o conteúdo obrigatório definido pelo Ministério da Educação (MEC). A Stance Dual, onde Carolina estuda, oferece o ensino infantil e fundamental em um formato que todas as disciplinas são ensinadas nos dois idiomas.

“Os alunos têm aulas de Matemática em inglês e em por-

O QUE É SER BILÍNGUE?

Educação Infantil
No mínimo de 75% da carga horária diária deve ser dada no idioma estrangeiro

Ensino Fundamental I
Pelo menos 1/3 da carga horária diária deve ser em outra língua, que não o português

Ensino Fundamental II e Ensino Médio
No mínimo de 1/4 da carga horária diária deve ser em um idioma diferente do português

FONTE: ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS BILÍNGUES DE SÃO PAULO - OEBS



tuguês, Ciências em inglês e português e assim para todas as disciplinas. As áreas têm certos conteúdos ensinados em cada uma das línguas. Há outras escolas bilíngues em que a disciplina é dada em apenas uma língua: oferecem Matemática em inglês e Ciências em português por exemplo”, comenta Sarah Weiler, coordenadora de inglês do colégio. A pedagoga conta que muitas famílias ainda temem que a formação bilíngue crie uma confusão na mente das crianças expostas a

outros idiomas já nos primeiros anos de vida. Suposição que ela rebate com base em pesquisas científicas. “Mostramos estudos realizados em países bilíngues como o Canadá que mostram que o aprendizado simultâneo não prejudica a formação da criança. Claro que, quando começa a falar e a se alfabetizar, pode apresentar misturas das línguas, mas ao longo do tempo seu cérebro distingue claramente o que é cada idioma.”

Quanto antes. Aliás, pouca idade pode mesmo ser considerada uma vantagem para o aprendizado: se a criança iniciar os estudos em uma escola bilíngue mais cedo, menores serão suas dificuldades. Se o aluno vai mais velho é importante garantir que a escola ofereça um programa de acompanhamento para que esse estu-



dante tenha a possibilidade de sanar possíveis defasagens em relação a conhecimentos linguísticos ou de conteúdos.

“Não adianta receber o aluno e não apoiá-lo em seu percurso. Caso não ofereçam esse apoio, as famílias devem repensar o ingresso do aluno. É função da escola, ao aceitar alunos, oferecer programas adequados para seu desenvolvimento”, afirma Antonieta Megale, coordenadora do curso de pós-graduação em Educação Bilingue do Instituto Singularidades e doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Quem ensina. O curso coordenado por Antonieta é um dos poucos voltados à formação dos docentes sobre os aspectos teóricos e práticos relacionados ao bilinguismo. De forma geral, os cursos de graduação em Pedagogia (formação mínima necessária para atuar na educação infantil e na primeira fase do fundamental) não têm disciplinas ou um trabalho específico com essa temática. Até porque ser um professor em escola bilíngue não depende só da fluência.

Apesar do contexto amplo e diversificado, a especialista enumera competências que seriam imprescindíveis ao professor que atua na escola bilíngue, como conhecimen-

“
Além do acesso a informações diversas e das possibilidades no mundo do trabalho, saber outra língua é um recurso necessário para a cidadania contemporânea

Antonieta Megale,
coordenadora do curso de pós-graduação em Educação Bilingue do Instituto Singularidades

res envolvidos no biletramento; conhecimento linguístico e semântico das línguas ensinadas; conhecimento acerca das teorias de aquisição de primeira e segunda língua; e compreensão da organização de currículos e de planejamentos com a interculturalidade como eixo central.

“Não se trata de apenas adicionar uma segunda língua ao repertório do aluno. Esse tipo de educação deve ter como questão central o desenvolvi-

mento de práticas linguísticas complexas que abrangem múltiplos e, muitas vezes, diversificados contextos sociais e o professor precisa dominar tudo isso”, resume.

A formação dos docentes é um dos parâmetros considerados para uma escola se associar à Organização das Escolas Bilíngues de São Paulo (Oebi). Criada em 2000, a entidade reúne 14 colégios bilíngues que adotam o inglês e atua tanto na gestão quanto com os alunos. Em relação às instituições de ensino, a Oebi promove troca de experiências para planejar ações de gestão e efetua a formação de professores e funcionários. Já os estudantes são beneficiados com atividades de integração, por exemplo, viagens e eventos esportivos e culturais.

Mas, para se cadastrar, é preciso que a escola interessada cumpra requisitos como garantir que os professores sejam “fluentes na fala e não só na escrita” e dedicar parte substancial da grade ao inglês. “Quando as escolas pedem cadastro, muitas se dizem bilíngues, mas entendemos que não é tão simples assim. Na educação infantil, tem de existir a imersão total na segunda língua, e no fundamental, pelo menos 40% de carga horária em inglês. Uma escola monolíngue não vira bilíngue da noite para o dia. É necessária uma reforma muito grande, principalmente de cultura”, afirma Ana Célia, que além de ser a diretora pedagógica do colégio Builders também é presidente da Oebi.

Mercado aquecido. A disseminação de escolas bilíngues em inglês no Brasil aqueceu o mercado de produção de conteúdo didático exclusivo. A editora Systemic, por exemplo, especializou-se na elaboração de métodos para o segmento. Atualmente, atende a cerca de 16 mil alunos de educação infantil e fundamental em 80 escolas do Brasil.

“Entregamos à escola uma sugestão de conteúdo, um fichário com atividades nas mais diversas disciplinas mi-

A diferença entre escola bilíngue e internacional

● Uma escola bilíngue utiliza um segundo idioma para o aprendizado do currículo. Dessa forma, disciplinas como Matemática, Ciências e História têm seus conteúdos transmitidos tanto em português como em outro idioma. Além disso, ocorre uma imersão nas culturas referentes aos idiomas utilizados no colégio, em que autores brasileiros e internacionais são trabalhados. A instituição conta com profissionais fluentes em ambos idiomas e alguns só se comunicam com os alunos na língua estrangeira. Não há a obrigatoriedade de os professores serem nativos no segundo idioma. No Brasil, o inglês é o idioma mais comum nas escolas dessa modalidade, mas também há colégios bilíngues que adotam o francês e o alemão, entre outras línguas. Em colégios internacionais, o uso é praticamente exclusivo do idioma do país de origem. Da mesma forma, o calendário e a grade curricular são alinhados ao sistema educacional internacional ao qual a escola é vinculada. Neles há também uma atenção à formação dos estudantes para possíveis vivências fora do Brasil, com programas de certificação internacional que possibilitam ingressar em instituições de ensino no exterior. São muito procuradas por estrangeiros que estão no Brasil apenas por algum tempo e, por isso, não priorizam o aprendizado do português.

nistradas em inglês. A escola tem a flexibilidade de montar de acordo com seu currículo, com a sua proposta pedagógica”, explica Rone Costa, gerente de desenvolvimento da editora. “Em nosso conceito de educação bilíngue, não há hierarquia linguística. Falamos de Matemática, Ciências, Geografia e junto entregamos a língua. Ela aparece contextualizada em uma abordagem que integra conteúdo, cognição e cultura.”



Atividades. O alemão Humboldt incentiva famílias a vivenciarem a cultura do país europeu

A alternativa que não é o inglês

Cresce procura por colégios com aulas em alemão e francês, por exemplo. E com público diversificado

Apesar de a maioria das escolas bilíngues ainda oferecer o inglês, tem crescido também a procura por colégios que apostam em outros idiomas, como o alemão e o francês. E, se até há algum tempo o público desses colégios era composto quase que em sua totalidade por filhos de estrangeiros residentes no Brasil ou por famílias com ascendên-

cia, o cenário agora é outro. “No momento em que o Brasil está, com menos estrangeiros vindo morar aqui, temos uma redução desse tipo de público na escola e percebemos um aumento de famílias brasileiras que buscam a educação bilíngue como um investimento, para fornecer aos filhos o convívio com culturas e sistemas escolares diferentes e a possibilidade de estudar nesses países”, explica Valdir Rasche, diretor pedagógico do Humboldt, colégio bilíngue alemão. Foi essa a lógica que levou o engenheiro civil Flávio de Oliveira Scapim a matricular os filhos Miguel, de 6 anos, e Pe-

dro, de 8, na instituição. Apesar de ninguém na família falar alemão, ele viajou a trabalho ao país e quer os filhos com os valores que percebeu por lá e, quem sabe, até morando em terras germânicas no futuro. “Eu me identifiquei muito com a disciplina e o desapego ao consumismo. Na Alemanha, eu via executivos e presidentes de empresas levarem os filhos na escola com mochilas de pano pintadas pela criança. Quero que eles cresçam valorizando esse tipo de comportamento e tenham a chance de, uma vez fluentes na língua, fazerem faculdade lá”, conta. **Especificidade.** Pelo fato de o alemão não ser tão popular como o inglês, algumas técnicas específicas são necessárias. O Humboldt usa, por exemplo, o modelo de bilinguismo aditivo: uma dupla de professores

em que ambos se comunicam na sala de aula e, dessa maneira, as situações são vivenciadas nos dois idiomas. Além disso, são realizados saraus a cada dois meses, nos quais os docentes trabalham com os alunos aspectos de música e poesia que mesclam cultura brasileira e alemã. O engajamento da família, mesmo que não domine o idioma, é fundamental. “Friso que a família não precisa aprender a língua, mas tem de se abrir a uma experiência multicultural”, afirma Diana Schuler, coordenadora da primeira fase do ensino fundamental. “Fazer isso é simples. Basta se propor a ir em livreria, experimentar o gosto da comida alemã, fazer biblioteca em casa, assistir filme em língua alemã, vivenciar jogos e passar férias no país” / **ALEX GOMES E OCIMARA BALMANT, ESPECIAIS PARA O ESTADO**

BREVES

Escola faz palestra sobre duplo diploma

O Colégio Singular promove hoje uma palestra sobre o duplo diploma – brasileiro e americano – no ensino médio. A escola tem uma parceria com a Universidade de Missouri, nos Estados Unidos, para que seus estudantes possam obter o certificado duplo.

A apresentação será feita por Rogério Abaurre, coordenador do programa da instituição High School Educational (HSE). O foco são os pais de estudantes dos anos finais do ensino fundamental (do 6.º ao 9.º ano), e a palestra é aberta a toda a comunidade.

A HSE está presente em 64 escolas brasileiras e tem 4,7 mil

alunos no programa de currículo internacional. O modelo prevê aulas ministradas por professores nativos de língua inglesa, com disciplinas do currículo americano como Oratória, Política, Economia, História, Inglês (Gramática, Literatura e Redação) e Sistemas de Informação. Além do duplo diploma, os alunos que se formam pelo programa, completando as 16 disciplinas do currículo americano e atingindo determinada pontuação, têm garantida a admissão automática na Universidade de Missouri.

O Colégio Singular fica na Rua Álvares de Azevedo, 222, no centro de Santo André.

Faculdade fora e escolha de profissão

O Colégio Salesiano Santa Teresinha, na zona norte de São Paulo, faz neste mês dois eventos voltados para alunos do ensino médio. No dia 25, ocorre a Feira de Universidades Internacionais, em parceria com o Centro Salesiano de Idiomas, com a participação de representantes de universidades estrangeiras. O Fórum de Profissões, no dia 27, leva profissionais de diferentes campos para falarem sobre suas profissões (atuação e faixa salarial). Ao longo do dia, haverá palestras e oficinas sobre áreas como Medicina, Direito e Tecnologia da Informação, além da chance de fazer um teste vocacional.

Pesquisa no Brasil atrás de parceria alemã

Representantes de universidades e instituições de pesquisa brasileiras fazem viagem à Alemanha para divulgar oportunidades de estudo e pesquisa no Brasil. Até 21 de setembro, a delegação passa por Munique, Berlim, Münster, Bonn e Tübingen, no roadshow chamado de Study and Research in Brazil, organizado pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD). O roteiro inclui visitas a instituições alemãs de ensino superior que possam vir a se tornar parceiras do Programa Institucional de Internacionalização (PrInt) da Capes, focado em instituições brasileiras de ensino superior.



ESCOLA SUPERIOR DE EMPREENDEDORISMO

Estude numa faculdade de administração inspirada nas mais prestigiadas escolas de negócios do mundo.

Venha para a primeira faculdade idealizada para quem quer transformar o futuro. **Escola Superior de Empreendedorismo**. Uma faculdade de administração que desenvolve competências empreendedoras, fundamentais para ter sucesso nos negócios. **Graduação, pós-graduação e extensão.**

ESE **SEBRAE SP**

ESCOLA SUPERIOR DE EMPREENDEDORISMO
O FUTURO É DE QUEM FAZ.

Acesse www.esse.edu.br e conheça mais sobre a faculdade que já nasce com nota máxima no MEC.